

OPINIÃO

Na era da IA, a inovação começa pela infraestrutura

Silvio Ferraz de Campos (*)

A inteligência artificial ocupa um papel relevante nas estratégias empresariais.

Seja para automatizar processos, aprimorar análises ou desenvolver novos produtos e serviços, a presença dessa tecnologia nas decisões tem aumentado, o que acelera a transformação digital em diferentes setores. No entanto, enquanto boa parte das atenções se concentra nas aplicações e nos resultados que elas podem gerar, um elemento decisivo costuma permanecer em segundo plano: a infraestrutura responsável por sustentar essa evolução.

O debate sobre IA frequentemente gira em torno dos algoritmos, das plataformas e dos novos casos de uso. Todos esses aspectos são importantes, mas representam apenas parte da equação. À medida que as aplicações se tornam mais sofisticadas e passam a lidar com volumes crescentes de dados, aumenta também a necessidade de ambientes capazes de oferecer desempenho, disponibilidade e capacidade de expansão. Ou seja, o potencial da inteligência artificial está diretamente relacionado à qualidade da base tecnológica que a suporta.

Essa relação se torna ainda mais evidente quando observamos a velocidade com que a IA vem sendo incorporada às rotinas corporativas. Em muitos casos, as organizações iniciam projetos sem avaliar se os seus ambientes de TI estão preparados para atender às novas demandas. Em um primeiro momento, as limitações podem passar despercebidas. Porém, conforme as iniciativas ganham escala e relevância estratégica, desafios relacionados ao processamento, ao armazenamento de dados e à disponibilidade dos sistemas tendem a aparecer.

Esse cenário exige uma mudança de perspectiva. Durante anos, a discussão sobre infraestrutura ficou restrita ao suporte das operações e à manutenção dos ambientes tecnológicos. Hoje, eles desempenham um papel diretamente ligado à capacidade de inovação das empresas. Afinal, competitividade, eficiência operacional e agilidade na adoção de novas tecnologias dependem, cada vez mais, da capacidade de processar e disponibilizar informações de forma segura e eficiente.

A expansão da inteligência artificial também expõe as limitações de muitos parques tecnológicos ainda baseados em arquiteturas concebidas para demandas tradicionais. À medida que as cargas de trabalho se tornam mais intensivas em dados e processamento, cresce a necessidade de ambientes mais robustos, escaláveis e preparados para acompanhar a evolução dos negócios. Nesse contexto, a modernização da infraestrutura deixa de ser apenas uma atualização tecnológica e

passa a representar uma decisão estratégica.

Organizações que contam com uma base tecnológica moderna possuem melhores condições para testar novas soluções, ampliar projetos e responder com rapidez às mudanças do mercado. Mais do que acompanhar tendências, trata-se de criar condições para que a inovação aconteça de forma consistente e sustentável. Em um ambiente marcado pela transformação digital, a capacidade de adaptação tornou-se um diferencial competitivo relevante.

Outro aspecto que merece atenção é a eficiência. O avanço da IA amplia a demanda por recursos computacionais e coloca em evidência questões relacionadas ao consumo energético, aos custos operacionais e à sustentabilidade. Por essa razão, a busca por ambientes mais eficientes deixou de ser apenas uma preocupação técnica. Atualmente, ela integra as estratégias de crescimento de longo prazo das organizações. Soluções capazes de entregar mais desempenho com melhor aproveitamento de recursos fortalecem a competitividade e contribuem para o cumprimento de metas ambientais cada vez mais presentes na agenda corporativa.

Na América Latina, esse debate ganha importância adicional. Muitas organizações ainda convivem com ambientes heterogêneos e diferentes níveis de maturidade tecnológica. Ao mesmo tempo, cresce a pressão por inovação, eficiência e competitividade. Esse cenário torna a modernização da infraestrutura um fator cada vez mais relevante para sustentar a adoção de inteligência artificial em escala e garantir que os investimentos realizados produzam os resultados esperados.

A discussão sobre IA costuma destacar algoritmos, plataformas e novas possibilidades de aplicação. No entanto, a verdadeira capacidade de inovar depende de uma infraestrutura preparada para garantir desempenho, segurança, disponibilidade e escalabilidade. Ignorar essa relação pode resultar em gargalos operacionais, aumento de custos e dificuldades para acompanhar a velocidade das transformações que já estão em curso.

Por isso, a pergunta que deve orientar os líderes empresariais não é apenas quais soluções de inteligência artificial adotar, mas se suas organizações possuem a base tecnológica necessária para sustentá-las. A corrida pela IA já começou. A diferença é que, daqui para frente, a vantagem competitiva não estará apenas nas aplicações que as empresas implementarem, mas na capacidade de sustentá-las com eficiência, segurança e escala. Por isso, modernizar a infraestrutura deixa de ser uma etapa preparatória e passa a ser parte essencial da própria estratégia de inovação.

(*) CEO da Positivo Servers & Solutions.

Ganhadores do Nobel avisam: IA pode gerar desemprego em massa

Mais de 200 economistas, pesquisadores e executivos, entre eles 16 vencedores do Prêmio Nobel, emitiram um manifesto alertando que a inteligência artificial pode transformar a economia em uma velocidade e escala sem precedentes, para o bem ou para o mal.

Vivaldo José Breternitz (*)

O documento pede que governos e formuladores de políticas ajam rapidamente para mitigar os impactos dessa transformação. Intitulado “We Must Act Now” (Precisamos agir agora), o manifesto é curto e direto, prevendo que “a IA pode se tornar radicalmente mais poderosa nos próximos dez anos” e que a aceleração de suas capacidades “poderia impulsionar uma transformação inédita da economia, maior que a Revolução Industrial, mas em um período muito mais curto”.

Entre os riscos apontados estão o “deslocamento em larga escala de empregos”. Ao mesmo tempo, os signatários destacam possíveis “oportunidades”, como “grandes avanços nos padrões de vida”. No entanto, alertam que nem os riscos nem os benefícios poderão ser administrados se líderes políticos, governamentais e empresariais não se mobilizarem já para compreender o impacto da IA sobre a força de trabalho.

“Economistas, formuladores de políticas e líderes tecnológicos devem agir agora para entender a economia da IA transformadora”, afirma o texto, “e construir os incentivos, salvaguardas e instituições necessárias para direcionar a tecnologia em benefício da sociedade”.

Entre os signatários estão nomes de peso como os professores do MIT Daron Acemoglu e Simon Johnson, o economista da NYU Michael Spence, o ex-CEO do Google Eric Schmidt, a ex-pesquisadora da OpenAI Zoë Hitzig, a atual CFO da OpenAI Sarah Friar e Jack Clark, cofundador da Anthropic.

O manifesto não apresenta soluções



SDI_Productions_CANVA

concretas; seu objetivo é mais conscientizar toda a sociedade sobre a dimensão do desafio que pode ter que vir a ser enfrentado. Como destacou o *New York Times*, o aspecto mais notável é a diversidade intelectual dos signatários, daqueles que preveem mudanças radicais, àqueles que duvidam da capacidade da IA de transformar o mercado de trabalho.

O economista de Stanford Erik Brynjolfsson, que ajudou a organizar o manifesto, disse que acontecerão mudanças de muito grande porte, afirmando temer “não estarmos prontos para o tsunami que vem aí.” Acemoglu, por sua vez, disse que “se olharmos para o que os robôs fizeram na indústria manufatureira, e a IA repetir isso em um período mais curto, o impacto será profundamente disruptivo e custoso para a subsistência das pessoas.”

Mudanças já estão em curso. O mer-

57% dos estabelecimentos de saúde usam nuvem, mas integração alcança só 27%

Dados da TIC Saúde 2025 mostram avanço da computação em nuvem, enquanto interoperabilidade, segurança de dados e conexão entre plataformas ainda desafiam clínicas e hospitais.

A computação em nuvem já é usada por 57% dos estabelecimentos de saúde brasileiros para armazenar arquivos ou banco de dados. Apesar deste avanço, apenas 27% possuem sistemas eletrônicos com interoperabilidade, segundo a *TIC Saúde 2025*, produzida pelo Cetic.br.

Os números mostram que digitalizar informações não significa, necessariamente, conseguir compartilhá-las. Prontuários eletrônicos, exames, prescrições e históricos clínicos podem permanecer isolados quando hospitais, clínicas, laboratórios e outros serviços utilizam plataformas que não se comunicam.

O armazenamento em nuvem aparece em 65% dos estabelecimentos privados e em 48% dos públicos. Além disso, 38% das unidades já contratam capacidade de processamento em nuvem, percentual que chega a 45% no setor privado.

De acordo com o blog de Conclínica, especializado no assunto, a comparação entre dados em nuvem e servidores locais envolve fatores como acesso remoto, custos de manutenção da infraestrutura e proteção das informações conforme a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).



Reprodução/MagNifre

O modelo em nuvem permite acessar sistemas fora da estrutura física da clínica, mas exige atenção à segurança, disponibilidade e controle de acesso.

Com isso, os *softwares para gestão de clínicas* passam a reunir prontuário eletrônico, agenda médica, faturamento e informações administrativas em um mesmo ambiente. A centralização pode reduzir o uso de planilhas e programas separados, mas não garante que a plataforma consiga trocar dados com laboratórios, hospitais ou serviços públicos.

Interoperabilidade vai além da conexão. A interoperabilidade não consiste ape-

cado de trabalho enfrenta turbulências, seja pela substituição real de empregos ou pelo uso da IA como justificativa para cortes. Jovens profissionais encontram dificuldades para ingressar no mercado, enquanto a indústria de tecnologia vem passando por demissões em massa ligadas a reestruturações focadas em IA.

Relatórios recentes sugerem que também trabalhadores mais velhos podem estar sendo empurrados para fora, embora outros estudos afirmem que o impacto da IA sobre empregos ainda é limitado.

Independentemente do cenário futuro, os especialistas são categóricos: este não é o momento de ficar parado, e isso vale para toda a sociedade.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit2@gmail.com.

News@TI

Pix por Biometria via Open Finance

@A Getnet, fintech líder em soluções de pagamentos da América Latina e na Península Ibérica, e a Mastercard anunciam a ampliação de sua parceria para desenvolver e oferecer soluções inovadoras de pagamento. A iniciativa tem início com o lançamento do Pix por Biometria via Open Finance, que busca tornar a experiência de pagamento mais simples, segura e confiável (<https://getnet.com.br>).

	José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editorias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.		
Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.		Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: netjen@netjen.com.br Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.	
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes		ISSN 2595-8410	